



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UniCEUB
FACULDADE DE CIÊNCIAS DE EDUCAÇÃO – FACE
CURSO PEDAGOGIA – FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA AS SÉRIES
INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL – PROJETO PROFESSOR NOTA 10

MARIA DAVILEIDE DE OLIVEIRA DOS SANTOS
MÁRCIA DE FREITAS ROCHA
VANIRA VIEIRA DE FRANÇA
VILMA DE SOUSA CASTRO

**FORMAÇÃO CONTINUADA:
UMA QUESTÃO DE CONSCIÊNCIA**

Brasília
2006

MARIA DAVILEIDE DE OLIVEIRA DOS SANTOS
MÁRCIA DE FREITAS ROCHA
VANIRA VIEIRA DE FRANÇA
VILMA DE SOUSA CASTRO

**FORMAÇÃO CONTINUADA:
UMA QUESTÃO DE CONSCIÊNCIA**


Trabalho apresentado ao Centro Universitário de
Brasília – UniCEUB, como parte das exigências
para conclusão do Curso de Pedagogia –
Formação de Professores para as Séries Iniciais do
Ensino Fundamental – Projeto Professor Nota 10.
Orientadora: Professora Dr^a Maria Eleusa
Montenegro

Brasília
2006

Agradecimento

Agradecemos a **Deus** por sermos seres capazes do entendimento e possuidores de sabedoria, e a nossos familiares, pelo apoio dado nesta caminhada.

Dedicamos este trabalho a nossa orientadora Dr^a Maria Eleusa Montenegro, que muito contribuiu para lapidação de nossos saberes, possibilitando assim a conclusão desta obra tão significativa para nós.



"Não posso ser PROFESSOR se não percebo cada vez melhor que, por não poder ser neutro, minha prática exige de mim uma definição. Uma tomada de posição. Decisão. Ruptura. Exige de mim uma escolha ente isto e aquilo.

[...] Sou um PROFESSOR a favor da luta constante contra qualquer forma de discriminação, contra a dominação econômica dos indivíduos. Sou PROFESSOR contra a ordem capitalista vigente que inventou esta aberração: a miséria na fartura. Sou PROFESSOR a favor da esperança que me anima apesar de tudo. Sou PROFESSOR contra o desengano que me consome e imobiliza . Sou PROFESSOR a favor da boniteza de minha prática, boniteza que dela some se não cuido do saber que devo ensinar, se não brigo por este saber..."

Paulo Freire, educador

Junho - 2006

brilho Rêgo

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
1.1 JUSTIFICATIVA	7
1.2 DELIMITAÇÃO DO TEMA	8
1.3 OBJETIVOS	9
1.3.1 Objetivo Geral	9
1.3.2 Objetivos Específicos	9
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	10
2.1 FORMAÇÃO DOCENTE: O QUE DIZ A LEGISLAÇÃO	10
2.2 CONCEITO DE EDUCAÇÃO CONTINUADA	10
2.3 HISTÓRICO DA FORMAÇÃO DOCENTE	12
2.3.1 No Brasil	12
2.3.2 No Distrito Federal	13
2.4 A FORMAÇÃO DO PROFESSOR NO MOMENTO ATUAL	14
2.5 IMPORTÂNCIA DA FORMAÇÃO DO PROFESSOR	16
3 METODOLOGIA	18
3.1 PESQUISA QUALITATIVA	18
3.2 ESPECIFICAÇÃO DAS FASES DA PESQUISA	19
3.3 INSTRUMENTO PARA COLETA DE DADOS	19
3.4 CATEGORIAS, ORGANIZAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	19
3.4.1 Especificação Categorias selecionadas	19
3.4.2 Caracterização da Clientela	19
3.4.3 Organização, análise e discussão dos dados	20
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS E RECOMENDAÇÕES	32
REFERÊNCIAS	34
APÊNDICE – Questionário aplicado a professores	36

1 INTRODUÇÃO

1.1 JUSTIFICATIVA

Os professores estão diante de um grande desafio que é o de ensinar e ampliar conhecimentos de nossos alunos e, durante muito tempo, vem se falando da importância da formação continuada como um meio de aperfeiçoamento que muito influencia no desempenho do professor em sua sala.

É papel do professor encorajar, estimular, abrir perspectivas e caminhos para que o aluno se desenvolva e, para isso, é preciso que esse mesmo professor, participe de cursos, seminários, simpósios, tendo, assim, atitudes sempre enriquecidas, conforme afirma Garcia (1999, apud DEMO), no trecho a seguir, onde são apontados os pontos positivos dessa formação:

É relevante apontar a concepção, sobre a formação de professores como sendo a área de conhecimento, investigações e de propostas teóricas práticas que, no âmbito da didática e da organização escolar, estuda os processos por meio dos quais os professores, se implicam individualmente ou em equipe, em experiências de aprendizagem por meio das quais adquirem ou melhoram os seus conhecimentos, competências e disposições, e que lhes permite intervir profissionalmente no desenvolvimento do seu ensino, do currículo e da escola, com o objetivo de melhorar a qualidade da educação que os alunos recebem.

Seja como for, vimos que a especificidade da profissão está no conhecimento pedagógico, conhecimento que é obtido através dos cursos de formação, da trajetória, observando assim as várias experiências. A discussão sobre o uso que se faz dos conhecimentos adquiridos, para nós, é de suma importância. É preciso desenvolver um planejamento onde haja a aplicação, desenvolvendo assim um compromisso ético. Como diz Lanier (1984 apud IMBERNÓN, 2005, p. 29), "[...] os professores possuem um amplo corpo de conhecimentos e habilidades especializadas que adquirem durante um prolongado período de formação [...]".

Este trabalho pretendeu mostrar a necessidade do professor de realizar cursos de formação continuada, conscientizar-se de que é preciso por em prática o que aprendeu nesses cursos, quais sejam, as aprendizagens e os

conhecimentos adquiridos. Um professor reflexivo, que analisa e aplica em seu trabalho os conhecimentos adquiridos, podem ser considerados um bom professor. Nesse sentido, este trabalho pretende colaborar na conscientização da importância da formação continuada.

1.2 DELIMITAÇÃO DO TEMA

A formação continuada do professor é um tema de grande importância, pois há necessidade de profissionais qualificados para atuarem eficientemente na educação.

O professor deve aprimorar constantemente o seu conhecimento para ser capaz de lidar, de forma positiva, com as questões relativas ao desenvolvimento e às adversidades que possam surgir em sala de aula.

Durante nossa trajetória na Secretaria de Educação constatamos que todos os anos a Escola de Aperfeiçoamento dos Profissionais em Educação – EAPE, oferta um grande número de cursos, promove seminários, fóruns de debate enfim, uma infinidade de oportunidades para o aperfeiçoamento profissional, não só dos docentes, mas de todos os funcionários. Há a participação dos mesmos, porém, o que se percebe é que esse aperfeiçoamento, na maioria das vezes não chega até à sala de aula, na prática propriamente dita. Cabe ressaltar que, os temas para os cursos, são elaborados através de coleta das necessidades dos professores, sendo feito um levantamento de sugestões ao final de cada ano e a EAPE realiza então seu planejamento considerando os dados. Então, levantamos alguns questionamentos que esperamos responder ao final deste trabalho: O que leva o professor à não aplicação dos conhecimentos adquiridos ao término dos cursos? O que fazer para despertar a consciência do professor para aplicação desses conhecimentos? Há realmente uma mudança na postura do professor, após a realização desses cursos?

1.3 OBJETIVOS

1.3.1 Objetivo geral

Verificar como estão sendo aproveitados os cursos de educação continuada no ensino fundamental, a fim de propor sugestões aos professores quanto a este aspecto.

1.3.2 Objetivos específicos

- Perceber que o conhecimento adquirido deve ser utilizado na melhoria da prática pedagógica;
- Possibilitar a percepção da qualidade dos cursos freqüentados;
- Conscientizar da necessidade de aplicação dos conhecimentos adquiridos através dos cursos de formação continuada;
- Identificar as possibilidades de aplicação dos cursos de formação continuada;
- Possibilitar reflexão sobre os anseios de outros temas a serem discutidos nos cursos oferecidos.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 FORMAÇÃO DOCENTE : O QUE DIZ A LEGISLAÇÃO

A formação continuada é um direito amparado na Lei de Diretrizes e Bases-LDB - 9394/96 (1996, p.24) conforme art. 61, 62, 64, sendo, para efeito desse trabalho, o artigo 67 o de maior pertinência :

Art. 67 Os sistemas de ensino promoverão a valorização dos profissionais da educação, assegurando-lhes, inclusive nos termos dos estatutos e dos planos de carreira do magistério público.

II aperfeiçoamento profissional continuado, inclusive com licenciamento periódico remunerado para esse fim;

IV Progressão funcional baseada na titulação ou habilitação , e na avaliação do desempenho;

V período reservado a estudos, planejamentos e avaliação, incluído na carga de trabalho.

A recente regulamentação dos Institutos Superiores de Educação, pelo Parecer nº 115/99 da Câmara de Ensino Superior do Conselho Nacional de Educação, deixa clara a concepção de formação de professores que permeia as propostas atuais, ao estabelecer que a preparação dos profissionais para atuar na educação básica se dará fundamentalmente em uma *instituição de ensino* de caráter técnico-profissional. (MEC/CNE – 1999).

2.2 CONCEITO DE EDUCAÇÃO CONTINUADA

Formação permanente é uma conquista da maturidade, da consciência do ser. Quando a reflexão permear a prática, docente e de vida , a formação continuada será exigência “sine qua non’ para que o homem se mantenha vivo, energizado, atuante no seu espaço histórico, crescendo no saber e na responsabilidade”.(NÓVOA, 1997, p.26).

Com base no contexto da formação continuada, é relevante abordar a concepção de Garcia (1999) como sendo a área de conhecimentos, investigação e de propostas teóricas e práticas que, no âmbito da didática e da organização escolar, estuda os processos por meio dos quais os professores - em formação ou em exercício - se implicam individualmente ou em equipe, em

experiências de aprendizagem por meio das quais adquirem ou melhoram os seus conhecimentos, competências e disposições, e que lhes permite intervir profissionalmente no desenvolvimento do seu ensino, do currículo e da escola, com objetivo de melhorar a qualidade da educação que os alunos recebem.

Para Estrela (1996), é na escola e pela ação cotidiana que se revelam as necessidades de formação do professor, se forja a sua identidade profissional e se afina o seu projeto de vida. Em pertinência a esta idéia, Garcia (1999) afirma que estudar é compreender a formação dos professores em íntima relação epistemológica com quatro áreas da teoria e investigação didática, quais sejam, a escola, o currículo, o ensino e os professores. GATTI (2003) diz que a formação continuada de professores consiste numa questão psicossocial, em função da multiplicidade de dimensões que essa formação envolve, a saber:

- 1- Especialidade – envolve a atualização do universo de conhecimentos dos professores. Ancora-se na constante reavaliação do saber que deve ser escolarizável sendo, por isso a dimensão que mais direciona a procura por projetos de formação continuada.
- 2- Didática e pedagógica – envolve o desempenho das funções docentes e a prática social contextualizada. A prática docente é essencialmente uma prática social, historicamente definida pelos valores postos no contexto. Isso significa que, por vezes, propostas didáticas poderão se confrontar com as experiências, expectativas pessoais ou desejos dos docentes.
- 3- Pessoal e social – envolve a perspectiva da formação pessoal e do auto conhecimento. Enfocada pela necessidade de interação em contextos diversos e a necessidade de entender o mundo e a sua inserção profissional neste mundo.
- 4- Expressivo-comunicativa – valorização do potencial dos professores de sua criatividade e expressividade no processo de ensinar e aprender. É uma busca de caráter operacional, técnico.
- 5- Histórico cultural – envolve o conhecimento dos aspectos históricos, econômicos, políticos, sociais e culturais incluindo a história da educação da Pedagogia e sua relação com as necessidades educativas postas no contexto.

Segundo a autora, um projeto de formação continuada não pode ser construído ignorando-se o conjunto das dimensões que estão envolvidas, a natureza e as características psicossociais do ato educativo. Os contextos institucionais e sociais que enquadram as práticas dos professores são diversos e as demandas por educação se constroem em campos bastante

diferentes. O profissional consciente sabe que sua formação não termina na Universidade. Esta lhe aponta caminhos, fornece conceitos e idéias, a matéria-prima de sua especialidade. O resto é por sua conta. Muitos professores, mesmo tendo sido assíduos, estudiosos e brilhantes, tiveram de aprender na prática, estudando, pesquisando, observando, errando muitas vezes, até chegarem ao profissional competente que hoje são.

2.3. HISTÓRICO DA FORMAÇÃO DOCENTE

2.3.1 NO BRASIL

A escola está, na opinião de Valentini (1979, p. 85), estreitamente ligada à evolução da sociedade e essa ligação apresentam-se cada vez mais complexa à medida que nos aproximamos dos tempos modernos. Galhardo (1987,p.56), afirma ser um sistema educativo o reflexo da sociedade em que se insere e da prospecção no futuro das linhas mestras da sua evolução . Por seu lado, Gómez (1992, p.28), refere-se à formação de professores como sendo domínio profundamente dominado e determinado pelos conceitos de escola, ensino e currículos prevalecendo em cada época

Em Ribeiro (1995), encontra-se referências a importantes investigadores (Galhardo ,1979; Mialaret, 1981; Correia, 1989, Demailly, 1992) que , entre muitos outros ideais, identificaram os políticos, os religiosos, os econômicos e até os militares a condicionar (para não dizer determinar) as funções que a escola desempenhou em épocas bem situadas na história e , conseqüentemente, o papel atribuído ao seu principal protagonista, o professor e , desta forma, à formação que seria suposto possuir para garantir a eficácia da sua função.

Silva (1990 apud MOURA, 1993) traçam um quadro histórico destas influências na formação de professores desde a década de 60 até à década de 80 e concluem que, na década de 60 se atribuía ao professor o papel de agente de ajustamento das diferenças individuais, fruto da primazia que a psicologia desempenhava sobre a pedagogia ; na década de 70, a teoria do capital humano influencia a forma como deve ser vista a formação do professor, pessoa a quem é atribuído o papel fundamental para o desenvolvimento econômico e a segurança nacional, daí a ênfase na

tecnologia do ensino e nos planejamentos de ensino em que se faziam presentes objetivos, construídos e métodos numa pretensa busca de objetividade do ensino. Na década de 80 a predominância da formação do professor recai, nesta altura, sobre os aspectos sociológicos.

A função do professor é freqüentemente definida e apresentada sob a forma de imagens e de metáforas.

Exemplos dessas metáforas são os professores como modelo de comportamento, como transmissor de conhecimentos, como técnico, como executor de rotinas, como planejador ou como, sujeito que toma decisões e resolve problemas. Metáforas mais recentes referidas por Gómez (1992), apresentam o professor como investigador na sala de aula, o professor como profissional clínico e o professor como investigador na sala de aula, o professor como profissional clínico e o professor como prático reflexivo.

Nemser e Floden (1986) fazem referência ao professor missionário que toma a seu cargo a missão social educativa e o professor – funcionário que acaba por influenciar as políticas de ensino.

Cada uma destas metáforas está estreitamente associada a uma concepção de professor, ao papel que deve desempenhar e a formação que é suposto possuir.

2.3.2 NO DISTRITO FEDERAL

A Escola de Aperfeiçoamento dos Profissionais da Educação – EAPE, foi criada pela Lei Nº 1619/97, com a missão de promover o aperfeiçoamento continuado dos profissionais da educação da Rede Pública do Distrito Federal, contribuindo para maior qualidade no processo educacional. (SEE / EAPE, sd).

Para concretizar esta missão a EAPE planeja, promove, coordena, executa, acompanha e avalia as atividades de formação continuada dos profissionais das carreiras da Secretaria de Estado do Distrito Federal.

Os programas e projetos de formação continuada, promovidos pela EAPE são:

- Afastamento Remunerado para Estudos;
- Bolsa de Estudo;

- Projeto Professor Nota 10;
- Projeto Divulgando o Saber

Concursos:

- Prêmio ao Professor;
- Prêmio Orientador Educacional;
- Prêmio Assistência à Educação;
- Cursos de Atualização;
- Eventos.

Para o exercício de suas competências a Escola de Aperfeiçoamento dos Profissionais da Educação tem a seguinte estrutura orgânica:

- I - Diretoria
- II - Gerência de Planejamento – GPLAN
- III- Gerência de Execução e Avaliação – GEAV
- IV- Gerência de Formação – GFOR
- V- Gerência de Documentação – GDOC

Todas as atividades da EAPE são estabelecidas a partir da necessidade apresentada pelas Diretorias Regionais de Ensino, buscando, pela formação continuada e pela atualização, a aprendizagem significativa dos alunos. (SEE/EAPE, sd).

2.4 A FORMAÇÃO DO PROFESSOR NO MOMENTO ATUAL

Há décadas, acreditava-se que, quando terminada a graduação, o profissional estaria apto para atuar na sua área o resto da vida. Hoje a realidade é diferente, principalmente para o profissional docente. Este deve estar consciente de que sua formação é permanente.

Professor não deve se abster de estudar, o prazer pelo estudo e a leitura deve ser evidente, senão não irá conseguir transmitir esse gosto para seus alunos. "O professor que não aprende com prazer não ensinará com prazer." (SNYDERS, 1990).

Perceber o professor como um profissional transmissor de conhecimentos é um conceito ultrapassado. Hoje, a profissão "professor", exige uma visão futurista que busca através da criatividade, inovações, conforme afirma Seabra (1994, p.78) :

O profissional do futuro (e o futuro já está bem adiantado) terá como principal tarefa aprender. Sim pois, para executar tarefas repetitivas existirão os computadores e os robôs. Ao homem competirá ser criativo, imaginativo e inovador.

Para Esteves (1993, p.98), a formação continuada exige profissionais “conhecedores da realidade da escola, capazes de trabalhar em equipe e de proporcionar meios para a troca de experiências, dotados de atitudes próprias de profissionais cujo trabalho implica a relação com o outro [...]”.

É preciso mudar a postura profissional diante das transformações permanentes que ocorrem no dia-a-dia dos professores, das escolas e na sociedade como um todo. Sobre isto, Nóvoa (1997, p.28) afirma que “a formação não se faz antes da mudança, faz-se durante, produz-se nesse esforço de inovação e de procura dos melhores percursos para a transformação da escola”.

Os elementos citados, em relação à postura do professor diante dos desafios da produção do conhecimento, referem-se a dois pontos centrais: o amor à sabedoria e a capacidade de interpretação do conhecimento, tanto de sua área de formação, quanto no sentido amplo do conhecimento, além da capacidade de interpretação da cultura e da sociedade da época em que se vive. Isso significa que a atualização, o interesse em decifrar os enigmas postos pelas questões que se passam na sociedade e a vontade de saber mais por amor ao conhecimento, deve se constitui em inspiração e transpiração do professor. Este entusiasmo deve estar estampado no rosto do docente. Do contrário, ele perde toda a legitimidade de seu discurso. (SANTOS, 2004).

O professor na condição de difusor e produtor do conhecimento é chamado a tomar posição diante dos fatos. Por isso mesmo, seu trabalho deve ter clareza quanto ao tipo de sociedade que ajuda a construir, ao conjunto de valores que aspira. Além do aspecto político do trabalho docente ser levado a sério, é preciso que ele esteja comprometido com a decência e a beleza (Paulo Freire diria “boniteza”), isto é com a ética e com a estética. O professor, nesta relação de amor com o conhecimento, continua vivendo a condição humana e, portanto, vive à fragilidade, a precariedade e precisa ser consciente disso. É preciso que ele viva uma relação sadia com seus semelhantes e com

o mundo que o rodeia. Esses aspectos, acreditam, apontam para o compromisso do professor com a melhoria da qualidade de vida da sociedade em que vive. O que se resume em compromisso com a transformação. (MASETTO, 1994).

A formação continuada é, segundo Nóvoa (1991), saída possível para a melhoria da qualidade do ensino, dentro do contexto educacional contemporâneo. É uma tentativa de resgatar a figura do mestre, tão carente do respeito devido a sua profissão, tão desgastada em nossos dias. Conforme Freire (1991, p.58), “ninguém nasce educador ou marcado para ser educador. a gente se faz educador, a gente se forma, como educador, permanentemente, na prática e na reflexão da prática.”

2.5 IMPORTÂNCIA DA FORMAÇÃO DOCENTE

Que a formação docente é essencial para uma educação de qualidade não há dúvidas . O mesmo recebe atribuições das quais o aperfeiçoamento será o ponto de partida que Ribeiro (1999) detalha muito bem:

O professor, protagonista fundamental de todo o processo educativo, é cada vez mais solicitado a dar resposta a questões que lhe são colocadas e para as quais não recebeu uma formação adequada. Ninguém duvida de que hoje, e cada vez mais do que nunca, é necessário proceder-se a constantes ajustamentos .

Considerando os avanços tecnológicos, científicos e sociais que ocorrem do dia para noite e que a informação está cada vez mais disponível, o professor deve ser capaz de estar minimamente informado e preparado para responder de forma adequada as questões e desafios com que são confrontados por seus próprios alunos. Grigoli (1990,p.8), com determinação idêntica diz que:

[...] os acontecimentos dentro da sala de aula são resultantes das representações dos sujeitos que nela circulam e que ais representantes expressam uma visão de mundo, uma visão de sociedade e de relação entre os homens, de educação e de universidade, de ensino e de aprendizagem. Com esta percepção o professor terá condições de vislumbrar os fins, o alcance do seu saber.

Naturalmente o saber bem, domínio de conteúdos, e o fazer bem, estratégias para aplicação dos conteúdos, estarão conectados ao relacionamento sócio afetivo professor e aluno. Entende-se que este relacionamento precisa ser considerado na escola das táticas. Para Cunha (1998, p.66), a competência técnica do professor passa também por sua capacidade.

A competência do professor é, pois, multidimensional. Enquanto Ianni (1996, p.120) diz que o mundo está encaminhando-se para uma burocratização, onde tudo tende organizar-se com base na razão instrumental, técnica, no princípio da produtividade, lucratividade, quantidade, ser professor competente implica, por assim dizer, buscar a desburocratização do ensino, procurando um fazer pedagógico contextualizado, reflexivo e comprometido com as mudanças. É preciso, portanto, que o professor tenha predisposição à competência, esteja pronto a uma tomada de posição. Não basta por conseguinte, levar em conta o saber, mas é preciso querer. (RIOS, 1993, p.57).

O professor espera que, a cada nova lição, os alunos adquiram mais conhecimentos, pois os mestres também têm muito a aprender e, segundo Gardner (1994), quem se imagina “pronto, limita seus passos e se condena ao envelhecimento.” O trabalho deve ser um aprendizado constante. Por meio dele, nos transformamos e desenvolvemos habilidades. A formação não termina com um diploma na mão. Não se pode deixar de ler, freqüentar seminários, fazer cursos, refletir diariamente sobre o trabalho, porque é preciso disseminar a importância do aprender.

3 METODOLOGIA

3.1 PESQUISA QUALITATIVA

Ao buscarmos ampliar a compreensão a respeito do campo de conhecimento em pesquisa educacional, a abordagem qualitativa apresenta-se como a tentativa de uma compreensão detalhada dos significados e características situacionais apresentadas pelos entrevistados, em lugar da produção meramente quantitativa de características e comportamentos. (DEMO,2001, p. 59).

A pesquisa qualitativa, ainda segundo este autor, surgiu a partir do trabalho em antropologia e sociologia. Sua inserção no contexto educacional, na década de 70, denuncia que os dados quantitativos precisavam de um novo olhar. Continuando, Demo afirma que as duas abordagens não se excluem. A abordagem quantitativa atua em níveis de realidade na qual os dados trazem à tona indicadores e tendências observáveis. A abordagem qualitativa realça os valores, as crenças, as representações, as opiniões, atitudes e usualmente é empregada para que o pesquisador compreenda os fenômenos caracterizados por um alto grau de complexidade interna do fenômeno pesquisado.

Por último pode-se salientar que, para o autor acima citado, uma crítica constante à abordagem qualitativa diz respeito ao rigor do método utilizado, ou seja, à problemática da verificação de seus dados. Em outras palavras, os seus critérios de cientificidade são questionados.

3.2 ESPECIFICAÇÃO DAS FASES DA PESQUISA

Esta pesquisa foi realizada em fases, conforme a descrição a seguir:

- 1ª fase – Escolha do tema – novembro de 2005;
- 2ª fase – Seleção de referenciais bibliográficos – novembro a maio 2006;
- 3ª fase – Elaboração do Projeto - fevereiro a abril 2006;
- 4ª fase – Elaboração e aplicação do instrumento de pesquisa - fevereiro a abril de 2006;
- 5ª fase – Análise e discussão dos dados – maio de 2006;
- 6ª fase – Redação final do TCC – maio a junho de 2006 .

3.3 INSTRUMENTO PARA COLETA DE DADOS

Para coleta de dados da pesquisa foi utilizado um questionário semi-estruturado (Vide apêndice). Assim, Lakatos e Marconi (1993 apud ZINATO; MONTENEGRO) salientam que o questionário é “um instrumento de coleta de dados, constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito [...]”.

Um dos pontos importantes no questionário, é o processo de elaboração que, segundo os autores acima, salientam que “é longo e complexo, pois exige cuidado na seleção das questões e obtenção de informações válidas. Os temas escolhidos devem estar de acordo com os objetivos gerais e específicos”.

O questionário deve ser limitado em extensão e em finalidade. Se for muito longo, causa fadiga e desinteresse; se curto demais, corre-se o risco de não oferecer suficientes informações, é o que afirmam Lakatos e Marconi (1993). Outro fator importante é a classificação das perguntas, quanto à forma, em três categorias, tais como, perguntas abertas, perguntas fechadas ou dicotômicas e de múltipla escolha. O questionário deste trabalho foi elaborado com perguntas semi-abertas.

3.4 CATEGORIAS, ORGANIZAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

3.4.1 Especificação das categorias selecionadas

As categorias selecionadas para esse trabalho foram:

- aplicação dos cursos realizados;
- cursos não aplicados;
- cursos mais relevantes e indicados;
- participação e compromisso;
- cursos de interesse.

3.4.2 Caracterização da clientela

Considerando que este trabalho foi realizado em grupo, a pesquisa obteve uma clientela bem diferenciada, o que possibilitou visões e opiniões

diversas. Vinte professores responderam ao questionário, sendo cinco de cada região administrativa: Brazlândia, Ceilândia, Paranoá e Samambaia, em quatro escolas da rede pública de ensino.

O questionário foi aplicado com professoras, sendo todas do sexo feminino; com tempo predominante de atuação na Secretaria de Educação entre 06 e 10 anos.

A média de cursos realizados por estes professores situa-se entre sete a dez cursos, sendo que somente 4 professores apresentam mais de 10 cursos durante o tempo de trabalho.

3.4.3 Organização, análise e discussão de dados

Os dados foram organizados, analisados e discutidos nas categorias propostas, conforme descrição a seguir:

- Aplicação dos cursos realizados

Professor A – “Sei que todo aprendizado é válido, mas quando a abordagem se volta para a prática o aproveitamento é maior; vi isso bem de perto em um curso de práticas matemáticas”. “Com a valorização da construção dos algoritmos da criança, vi a importância do concreto na aprendizagem matemática.”

Professor B – “Ao ingressar em cursos, primeiramente procuro saber se o mesmo irá atender ou subsidiar o meu trabalho e se irá propor sugestões para melhor desempenho na minha área de atuação.” “No ano de dois mil e cinco cursei “Alfabetizando no BIA,” a essência do curso era a leitura. O enfoque da leitura e escrita dentro da proposta dos livros, bem como as múltiplas leituras, foram de fundamental importância na evolução da alfabetização da turma de sete anos em que atuava; a turma cresceu progressivamente e com maior sucesso que nos anos anteriores.”

Professor C – “Contador de histórias, exercita a criatividade e melhora a redação do aluno; PROFA e BIA – possibilitam ampliar conhecimentos.” -

“Trabalhei a construção de livros pelo próprio aluno, aproveitando seus conhecimentos (direcionados).”

Professor D – “Um pouco de cada, entretanto, o de maior proveito foi ”Escola Candanga, Aprender para Ensinar.” “Usei o reconhecimento e aplicação da psicogênese e matemática.”

Professor E – “Na maioria das vezes, um pouco de cada um . Em todo curso que participo, procuro buscar subsídios que me ajude no trabalho pedagógico.”
- “Um foi o Trabalho de Auto-estima e o outro A Arte de Contar Histórias. Ambos os cursos me apresentaram diversas maneiras de trabalhar em benefício do aluno. Auto-estima, utilizando dinâmicas, mensagens, músicas e o outro de Como Contar Histórias utilizando avental, fantoches, fantasias e bonecos.”

Professor F – “O PROFA; as atividades são simples e de possíveis aplicabilidades a propostas curriculares.” - “Trabalho em grupo; como trabalhar produção de texto com os alunos.”

Professor G – “O lúdico na aprendizagem, aquisição da leitura e da escrita. Jogos cooperativos, por estarem relacionados à série que atuo. (1ª série)”.- “I. Teste da Psicogênese; II. Jogos recreativos envolvendo todas as disciplinas.”

Professor H – De todos os cursos, você acaba aproveitando alguma coisa, mas é obvio que os cursos mais práticos são mais aplicados.” “Jogos lúdicos e dinâmicos.”

Professor I – O de sexualidade, devido a me deparar com várias situações necessárias; alfabetização, por trabalhar mais com educação infantil, mas sempre aparecem oportunidades de usar o aprendizado de todos os cursos.” - “O de sexualidade é muito aplicado em vários momentos, mas apenas com as turmas de 4ª séries, por estarem na fase de questionamentos e tive segurança em responder às dúvidas.”

Professor J – “Curso de formação de professores de educação infantil. Porque esse curso era direcionado às crianças até sete anos e nessa fase são bem mais fáceis de se trabalhar com elas.” - “ As atividades desenvolvem a coordenação motora e melhores aquelas que são realizadas com material concreto.”

Professor K – “Sexualidade e Erro como tentativa de acerto, pelo fato de estar diretamente ligado ao nosso dia-a-dia, tanto dentro como fora de sala de aula.”

- “Sempre que vou corrigir as crianças, vejo que ‘o erro foi tentativa de acerto’ (com exceção, é claro), e fico feliz por elas terem tentado; Trato a sexualidade sempre de maneira natural e agradável e, assim, as crianças passam a não ter receio sobre o assunto.”

Professor L – “Os cursos de revisão de Português, porque o falar corretamente deve fazer parte de nosso dia-a-dia .” - “Os cursos de atualização em português enriqueceram minhas aulas.”

Professor M – Matemática nas séries iniciais; O curso apresentou sugestões práticas para o dia-a-dia de sala de aula e os jogos que eram aplicados motivavam bastante a turma.” - “Iniciação no ato de somar e subtrair é aplicado através de jogos, utilizando cartelas numeradas e ‘dados’ (2 por cada grupo). Relação número/ numeral – utilizando material concreto do convívio das crianças.

Professor N – De todos, um pouco de cada, porque depende da turma, da quantidade de alunos, do interesse de cada um e da aceitabilidade deles em relação ao diferente.” “Com a Pós-graduação em Arte Terapia; fiz um trabalho com alfabetização de adultos voltado para melhorar a auto-estima e facilitar o aprendizado. Também, trabalhei com a TV escola para reforçar e tirar dúvidas dos conteúdos ensinados.”

Professor O – “Estimulação precoce, DMU, DM, dentre outros.” “Ainda não foi possível aplicar tais conhecimentos; espero ainda aplicá-los, pois acredito que são de grande importância para o processo de inclusão.”

Professor P – “Os aplicados foram: Psicomotricidade na educação infantil, Desenvolvimento corporal e controle do corpo.”

Professor Q – “Interdisciplinaridade na primeira infância, porque na época foi um curso na área em que estava atuando.” “As fases do desenvolvimento da criança e Critérios de avaliação na educação infantil.”

Professor R – “A arte de contar história. Na turma de educação infantil é necessitada de histórias infantis, literatura e foi bastante proveitoso.” “Contar histórias com material de sucata e O uso da TV nas salas com filme infantil.”

Professor S – “Especialmente, um que se refere à formação continuada de Educação Infantil, pois estava em sala de aula com uma turma de educação infantil, o que facilitava a observação de tudo o que foi repassado no curso.” “Atividades relacionadas a psicomotricidade e Contar histórias em sala de aula.”

Professor T - “Educação ambiental. Porque a escola em que trabalhava se encontra em área rural.” “Sobre APA (Área Proteção Ambiental) e sobre textos atuais relacionados ao meio ambiente”.

Com relação à aplicação, os dados mostraram que, a grande dificuldade de por em prática os saberes adquiridos, se dá devido à participação em cursos de pouco interesse da clientela, o que, na conclusão o professor não consegue relacioná-los à realidade da sala de aula. Poucos participaram de cursos que abordassem assuntos metodológicos ou teóricos, por entenderem que já dispõem de conhecimentos suficientes. Ayres (2004), porém ressalta a importância de saber a diferença entre o saber e o saber expor :

[...] Em outras palavras: o aluno aprenderá , se o professor utilizar métodos de ensino adequados a situações dele, levando em conta, entre outros fatores, sua idade, temperamento, personalidade, capacidade de compreensão, grau de envolvimento, tipo de interesse etc.[...]

Se os métodos de ensino forem utilizados de maneira correta, construir-se-ão em excelentes ferramentas para a qualidade da aprendizagem.

- Cursos não aplicados

Professor A - “A grande maioria deles, pois como já disse são ministrados por grandes conhecedores da teoria, mas precisam ‘ voltar os olhos’ para prática.”

Professor B – “Não me lembro de não aproveitar pelo menos em parte o que cursei; acredito na formação continuada; sempre encontramos suporte e a ‘ troca de figuras’ auxilia e propõe a interação com outras pessoas o que enriquece o trabalho.”

Professor C – “Tento sempre aplicar o que é possível incluir.”

Professor D – “Não acredito que, em qualquer curso que seja, não exista nada que se possa aproveitar (aplicar) .”

Professor E – “Somente o curso de marmorização e encadernação, mas falta material adequado para aplicação em sala.”

Professor F – “Superação. Porque a proposta dele parte da necessidade de um determinado grupo.”

Professor G – “Escola Candanga, por não mais existirem no sistema educacional do Distrito Federal.”

Professor H – “Consolidando a Escola Candanga, foi o curso que eu particularmente não apliquei.”

Professor I - Não respondeu

Professor J – “Curso de Formação para Adultos; não foi possível ainda trabalhar com alunos, pois não trabalhei com Educação de Jovens e Adultos.”

Professor K – “Na verdade, acabo aplicando os conhecimentos adquiridos de todos os cursos, em um momento ou outro. Infelizmente, nos faltam recursos para aplicá-los na íntegra. Alguns são inviáveis à realidade da rede pública (oficinas)”.

Professor L - “Pedagogia de Projetos, porque a escola como um todo precisaria estar envolvido e alguns colegas não quiseram participar.”

Professor M – “Um de Filosofia e outro de Criatividade. O trabalho necessita de uma ação seqüencial e um apoio maior da coordenação.”.

Professor N – “A arte de contar história, mas me falta vocação.”

Professor O – “Todos. Na escola onde leciono, não tive oportunidade de ter alunos com comprometimento.”

Professor P – “Curso de Informática, por não haver um laboratório na escola.”

Professor Q – “Todos os cursos que realizei foram proveitosos. Sempre tiveram pontos e aspectos relevantes.”

Professor R – “Todos foram aplicados e de alguma forma foi aproveitado.”

Professor S – “Um com o título Práticas Linguísticas, porque o seu conteúdo não era compatível com a faixa etária dos meus alunos.”

Professor T – “Aceleração da Aprendizagem, mas a realidade é muito distante da teoria oferecida.”

Na Secretaria de Educação existe uma progressão que se dá através da apresentação de cursos de formação que o professor participa e, na grande maioria, se inscreve visando à progressão funcional, o que resulta no desinteresse, pois cursam sem uma visão na melhoria da qualidade de ensino. Por esses motivos, os cursos são vistos com desinteresse, resultando em não aproveitamento. Porém essa visão vai de encontro ao que diz Masetto (1994) no referencial teórico “seu trabalho deve ter clareza quanto ao tipo de sociedade que ajuda a construir, ao conjunto de valores que aspira. Além do aspecto político do trabalho docente ser levado a sério, é preciso que ele seja comprometido com a decência e a beleza.”

Conforme dados da pesquisa, alguns cursos não são aplicados, também, por falta de recursos na escola que viabilizem a aplicação dos mesmos.

- Cursos mais relevantes e indicados

Professor A- “Como já citei, todos são importantes, mas os cursos que foram direcionados para o crescimento da mediação professor-aluno me foram mais valiosos.” “A formação continuada é indicada em todas as áreas de dimensão formadora; por isso, o professor deve sempre buscar a qualificação .”

Professor B- “Todos os cursos que participei foram importantes na prática, favorecendo o crescimento profissional. Penso que, quando estamos abertos à aprendizagem, a própria busca torna-se ponto favorável para o sucesso do trabalho de cada um.” “Não tenho curso específico em mente; penso que os cursos que se referem ao tipo de trabalho desenvolvido são fundamentais para o avanço e o crescimento da prática docente”.

Professor C- “Contador de histórias – pude melhorar minha expressão para melhor entendimento do aluno.” “Os acima citados.” (o professor refere-se ao curso A Arte de Contar História)

Professor D- “Escola Candanga – Aprender para ensinar – revisamos o que aprendemos em outros cursos e faculdade, com constantes trocas de experiências e discussões.” “Dependendo da área de atividade do professor

existem cursos de maior necessidade, a princípio; entretanto, um professor precisa e deve manter formação continuada em várias (de preferência todas) a área de formação.”

Professor E- “Todos foram muito importantes e de alta relevância; agora, o que mais gostei foi o de Aprendizagem Criativa e o Prazer de Aprender. Esse curso envolveu a auto-estima, e a importância de despertar no aluno o gosto por aprender com prazer.” “A arte de contar histórias”

Professor F- “Todos os cursos que fiz, realmente aprendi e precisava fazê-los; assim não há o de maior importância.” “Amei a proposta do PROFA, por isso a indicaria.”

Professor G- “Aquisição da leitura e da Escrita, por estar atuando em uma 1ª série (alfabetização).” “Todos os citados”

Professor H- “Oficina Pedagógica” “A Oficina Pedagógica e o Lúdico na Educação Infantil.”

Professor I- “Os cursos de Sexualidade e de Educação Infantil, por estarem mais perto do meu cotidiano.” “Estes e principalmente, o de alfabetização, devido ao fato de já trabalhar com as séries iniciais”.

Professor J- “Educação infantil, porque eu tenho mais contato com crianças das séries iniciais.” “Formação de professores na educação infantil.”

Professor K- “O erro como tentativa de acerto; me alertou severamente com relação à não ‘frustrar’ as crianças e sim motivá-las a refazer de maneira adequada com ajuda, se necessário.” “O erro como tentativa de acerto; Estimulação Precoce; Acelera Brasil – Alfabetização; Brincadeira é coisa séria (Ed. Infantil); Refazendo a trama (oficina têxtil).”

Professor L- “Os de português, pois é imprescindível, a um professor, falar corretamente, independentemente de sua área de atuação.” “Reciclagem e atualização em português”

Professor M- “Prática na Educação Infantil; esta é a minha área de atuação, a mais de 12 anos. O curso me deu meios para avaliar a minha postura como educadora”. “Caso o professor atue nas séries iniciais, em especial Educação Infantil, indico A Matemática nas séries iniciais, pois nos leva a entender como se estrutura o raciocínio da criança nesta faixa etária.”

Professor N- “Arte Terapia, porque é um curso voltado para ajudar a superar as dificuldades na vida escolar e no dia-a-dia.” “Arte Terapia, A arte de contar histórias, e sexualidade”

Professor O- “Apesar de não estar aplicando efetivamente tais conhecimentos, acredito que a criança com comprometimento educacional deva ser estimulada o quanto antes. Por isso, a estimulação precoce abriu a minha mente para tal fato.” “Dentro da perspectiva de inclusão, acredito que todos educadores deveriam ter acesso aos cursos sobre o assunto: Estimulação Precoce e todos os outros sobre o assunto.”

Professor P- “A arte de contar história.” “PROFA; ele é um excelente curso.”

Professor Q- “Interdisciplina na 1ª infância, por ser na área que atuo.” “PROFA; Interdisciplina na 1ª infância; e PCNS.”

Professor R- “PROFA – a alfabetização na educação infantil.” “PROFA; Origami e A arte de contar histórias.”

Professor S- “Interdisciplina na 1ª infância, porque foi o que mais atendeu às minhas expectativas, ajudando-me concretamente no cotidiano da sala de aula.” “A arte de contar histórias e Interdisciplina na 1ª infância.”

Professor T- “Educação ambiental, porque os conteúdos puderam ser aplicados, realmente, na prática”. “Educação ambiental.”

Segundo as respostas, os cursos de maior relevância foram “A arte de contar história” e o “PROFA”, por serem cursos os quais abordam problemas que atualmente preocupam todas as unidades de ensino ou a grande maioria deles. A alfabetização e o interesse pela leitura, segundo os dados, são cursos que reuniram professores com dificuldades idênticas e a troca e relato dessas dificuldades criaram um laço de identificação com o curso. Este aspecto fica explícito na afirmação de Sacristán (1999), quando afirma que “devemos explicar a nós mesmos as dúvidas para nos sentirmos um pouco seguros na insegurança. Esclarecer o mapa dos problemas, deixa-nos mais tranquilos para continuar”.

Ao se identificarem com os cursos automaticamente os professores logo tratam de indicá-los como foi o caso de, “A arte de contar histórias” e o PROFA,

citados como relevantes. Neles a realidade da sala de aula é apresentada constantemente e os cursistas podem também compartilhar os acontecimentos de sua turma possibilitando uma maior identificação. Com relação a anseios por outros cursos, a educação inclusiva é uma preocupação, por ser um tema complexo; seu aprofundamento é uma necessidade atual.

- Participação e compromisso

Professor A- “Quando os orientadores de curso voltarem seus olhos para a realidade de cada comunidade escolar, os mesmos passarão a ter mais proveito.”

Professor B- “Ao aplicar o que se aprende nos cursos, os professores tornam-se mais atuais; nossa profissão prima por constante reciclagem pois as crianças que atendemos vivem na época da informação, o seu ritmo para percepção das coisas e o interesse pelo novo, requer que os profissionais de educação busquem mais e mais atualização.”

Professor C- “Seminários nas DREC’s ou outros locais, com exposição dos trabalhos realizados pelos alunos com motivos trabalhados pelos cursos ou em sala de aula.”

Professor D- “Uma abordagem mais prática e menos utópica por parte de quem projeta muito dos cursos oferecidos.”

Professor E- “Mais incentivo e novidades. A maioria dos cursos é repetitiva: mesma dinâmica, mesma metodologia, muda-se somente os ministrantes.”

Professor F- “Acredito em trabalho de grupo; se uma escola fizer coletivamente um determinado curso e tentar aplicar coletivamente, dará certo.”

Professor G- “Mais compromisso com a sua profissão e assumir que nós podemos ser ‘vendedores de sonho’ das crianças.”

Professor H- “Com certeza, vivenciar a prática com o aluno, participar ao vivo, experimentar e trocar experiências. O professor precisa gostar, se familiarizar e acreditar no que pratica.”

Professor I- “Que os cursos de formação dêem orientações práticas, pois a teoria é mais fácil de ser adquirida nos livros.”

Professor J- “Que a escola possa dar apoio, para que os professores possam aplicar os conhecimentos adquiridos.”

Professor K- “Boa vontade e uma coordenação efetiva nas escolas, para ‘buscar’ recursos.”

Professor L- “Aprofundamento dos cursos, pois a maioria tem abordagem superficial, e melhores condições de trabalho para que a prática não fique distanciada da realidade.”

Professor M- “Em primeiro lugar, estar atuando em turmas que se encaixam dentro da modalidade escolhida. E ter na escola uma coordenação pedagógica presente.”

Professor N- “Boa vontade, porque os professores não aplicam o que aprendem; estão voltados ainda para o tradicional e para conseguir melhorias funcionais.”

Professor O- “Coordenação que funcione, servindo de elo entre direção, professores e alunos, para que tais conhecimentos sejam conhecidos por todos.”

Professor P- “Maior conscientização por parte dos professores na aplicação dos mesmos.”

Professor Q- “Na minha opinião falta apenas interesse dos mesmos.”

Professor R- “Mais dedicação e conscientização no uso com os alunos.”

Professor S- “Boa vontade por parte dos próprios professores.”

Professor T- “A teoria oferecida seja, de fato, aplicada na prática.”

É preciso compromisso, foi o que percebemos através das respostas de 90% dos questionários. Para nossa surpresa, percebemos que a questão da consciência os professores já apresentam, tanto da importância da formação continuada, quanto da aplicação da aprendizagem. Muitos relataram a questão do compromisso como fator importante para que essa formação produza qualidade no trabalho docente.

Essa questão do professor reflexivo é bem definida no que diz Freire (1991) “ninguém nasce educador ou marcado para ser educador. A gente se

faz educador, a gente se forma, como educador, permanentemente, na prática e na reflexão da prática.”

- Cursos de interesse

Professor A- “Cursos voltados para o ensino especial.”

Professor B- “Sempre quis participar de um curso que fosse voltado a alunos com necessidades especiais; estou participando neste ano e estou gostando.”

Professor C- “Libras e outros para alunos com dificuldades, para melhor atender os deficientes de aprendizagem.”

Professor D- “Sobre o ensino especial, com uma grande diversidade de estudo em cima de síndromes. Trabalho com crianças portadoras de necessidades especiais e sempre é necessário conhecer mais.”

Professor E- “Mais cursos relacionados à aprendizagem com prazer.”

Professor F- “Sei que o professor deve buscar mais conhecimentos, mas hoje quero tirar um tempo para estudar e analisar os cursos que fiz.”

Professor G- “Algun relacionado a Consertos Matemáticos, Contador de Histórias, para melhoria do meu desempenho profissional.”

Professor H- “O Contador de Histórias; acredito que a leitura é o caminho para a aprendizagem e o ‘como’ contar é muito importante; despertar a atenção é fundamental.”

Professor I- “Gostaria muito de fazer o Contador de História, para ter mais idéias E criativas para transmitir as histórias.”

Professor J- “PROFA, porque tenho muito interesse por esse curso.”

Professor K- “Especializações em Direito Educacional, para tentar fazer valer as leis educacionais que hoje são defendidas por advogados ‘comuns’ que não têm a visão educacional, mas só econômica”.

Professor L- “Técnica de desenhos, pois também faz parte de minha área de atuação e só há cursos particulares.”

Professor M- “Um curso que me auxiliasse nas dificuldades que encontro quando tenho em minha turma uma criança que apresenta problemas que ainda não foram diagnosticados.”

Professor N- “O lúdico na Matemática, xadrez e pintura, pois melhoraria meu desempenho em Arte Terapia e no conhecimento lógico-matemático.”

Professor O- “Política educacional, porque acredito que se faz necessário o profissional que faça valer as políticas públicas, educacionais, econômicas.”

Professor P- “Origami, para um maior desenvolvimento da concentração.”

Professor Q- “Libras e outros na área de inclusão, devido aos novos alunos que estamos recebendo em nossas salas.”

Professor R- “Meu Brinquedo, Meu Tesouro; mais sugestões de trabalhos a serem desenvolvidos com as crianças.”

Professor S- “Cursos relacionados ao Ensino Especial.”

Professor T- “Qualquer curso que a temática seja sobre meio ambiente.”

Os dados demonstraram que os cursos de maior interesse foram o PROFA e a Arte de Contar História. Percebeu-se maior identificação, por serem cursos dinâmicos e que solicitam relatos da realidade da sala de aula. Luck (2003) apresenta de maneira atualizada as reais necessidades de desenvolvimento da capacitação profissional:

O contexto atual apresenta uma adequação das várias áreas do saber através da multiplicidade e interdisciplinaridade do conhecimento. A especialização é baseada num eixo generalista que dá condições ao profissional de atuar localmente dentro de uma visão globalizada, transpondo desafios e executando mudanças de uma forma eficaz e eficiente. Exercendo ao mesmo tempo a cidadania e a solidariedade, pois a sociedade de hoje diferencia-se pela interdependência entre seus elementos, e a caracterização de que o bem-estar de cada um depende da ação dos demais.

É preciso perceber que como professor, quanto mais abrir a mente, mais vai aprender e ensinar aos outros a importância de aprender.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS E RECOMENDAÇÕES

O Brasil incorporou à orientação de suas políticas educacionais a necessidade de expansão e de melhoria do desempenho dos seus sistemas de ensino, procurando como uma de suas estratégias para alcançá-las, e conseqüentemente para elevar a qualidade de ensino ofertado pelas escolas públicas, o aprimoramento e o fortalecimento da formação e do desenvolvimento profissional de seus professores.

É papel do professor encorajar, estimular, abrir perspectivas e caminhos para que o aluno desenvolva competências e habilidades. Para isso, é preciso que esse professor tenha conhecimentos, atitudes, interesses e motivações sempre atualizadas.

Com base nos resultados da pesquisa, percebemos que a visão da importância da formação continuada para uma educação de qualidade de nossos professores tem, e que muitas vezes pode prejudicar esse desempenho, é a questão da consciência. Porém, o compromisso não seria somente do professor, mas também dos gestores que precisam fornecer um “norte” para essa aplicação, não de forma particular, mas de forma geral, fazendo a relação dos cursos com a realidade da escola, partindo assim da teorização para a aplicação.

Nosso trabalho apresenta aspectos a contribuir com o processo ensino-aprendizagem, pois vem reforçar o que todos nós já sabemos, que não basta freqüentar vários cursos e não utilizarmos.

Percebemos possibilidades importantes durante a realização desse trabalho: a de verificar a aplicabilidade dos cursos que são freqüentados pelos professores; de refletir sobre a prática que levamos para a sala de aula; a de desenvolver investigações que venham a contribuir para a melhoria da qualidade de ensino; e a constatação da consciência do professor sobre a necessidade de aprimoramento da prática.

Durante todo período de desenvolvimento do trabalho, tivemos a dificuldade de sensibilizar um pequeno grupo de professores que se recusava a responder o questionário, por mais que fosse dito que não haveria

identificação. Percebeu-se, portanto, por parte deles, um certo receio em explicitar as suas dificuldades .

Como sugestões, fica a questão da responsabilidade do acompanhamento, considerando que a Secretaria de Educação dispõe de uma escola própria para ofertar cursos que levam em consideração a demanda; e que verbas públicas sejam disponibilizadas visando benefícios para os alunos através de uma prática de qualidade.

Verificamos que há uma necessidade de se criar estratégias para garantir que esses benefícios cheguem até à sala de aula. Porém, cabe esclarecer que essas estratégias precisam envolver não só o professor; é preciso definir qual o papel dos gestores nesse acompanhamento, considerando que são, ou deveriam ser, os principais coordenadores pedagógicos da unidade de ensino.

Um exemplo disso, é o projeto Professor Nota 10 e o PIE (UniCEUB / UnB), onde, aproximadamente, 3500 professores participaram e nós, como alunas do curso, tivemos a oportunidade de observar no decorrer das aulas que muitas foram as evoluções da prática pedagógica, devido à relação teoria / prática. Mas uma dúvida ainda nos remete à reflexão: por que essa evolução não está conseguindo chegar até às salas de aula? Por que muitos professores cursistas apresentavam exemplos práticos significativos e na sala de aula propriamente dita se prendem a uma prática “pobre” e cansativa para os alunos?

Como se pode perceber, muitas questões ainda precisam ser pesquisadas, mas, segundo Cury (2001), “precisamos garimpar ouro nos solos da nossa inteligência, no território da nossa emoção, no anfiteatro dos nossos pensamentos, porém, poucos sabem garimpar”, mas com certeza podemos aprender.

REFERÊNCIAS

AYRES, Antonio Tadeu. **Prática Pedagógica competente**: ampliando saberes do professor. Petrópolis: Vozes, 2004.

BRASIL, **Lei de Diretrizes e Bases** – Lei nº 9394, promulgada em 20/12/1996. Brasília: MEC/SEE, 1996.

DEMO, Pedro. **Desafios modernos da educação**. Petrópolis: Vozes, 2001.

ESTRELA, Maria T. (org.). **Viver e construir a profissão docente**. Porto, Portugal: Porto, 1996.

FREIRE, Paulo. **Conscientização**. 3. ed. São Paulo: Moraes, 1991.

GALHARDO, L.; Domingos, A. Maria e Neves, Isabel P. **Uma forma de estruturar o Ensino e a Aprendizagem**. Lisboa: Livros Horizontes, 1987.

GARCIA, Carlos Marcelo. **A formação de professores**: Novas perspectivas baseadas na investigação sobre o pensamento do professor. Lisboa: Dom Quixote, 1999.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação docente e profissional**: formar-se para a mudança e a incerteza. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2005 – (Coleção questões de nossa época; v. 7).

IANNI, Octávio. **A sociedade global**. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização, Brasileira, 1996.

KULLOK, Maisa Gomes Brandão. **As exigências da Formação do Professor na atualidade**. Maceió: Edufal, 2000. 56p.

MASETTO, Marcos Tarciso. **Pós-graduação e formação de professores para o 3º grau**. São Paulo: Cortez, 1994.

MEC - Secretaria de Estado de Educação. **Currículo da Educação Básica das escolas públicas do Distrito Federal**: Ensino Fundamental 1ª a 4ª série. 2. ed.- Brasília: Subsecretaria de Educação Pública, 2002.

MEC - Ministério da Educação. **PROFA módulo de estudo** - Brasília: MEC 2004.

MEC/SEE. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais** – Língua Portuguesa – 1ª a 4ª série. Brasília, A Secretaria de Educação 1997.v. 2.

NÓVOA, Antonio.(coord.) **Os professores e sua formação**. Lisboa – Portugal: Dom Quixote, 1997.

PIMENTEL, Maria da Glória. **O professor em construção**. 3. ed. Campinas: Papirus, 1996.

RIOS, Terezinha Azevedo. **Ética e competência**. São Paulo: Cortez, 1993.

SACRISTÁN, J. Gimeno. **Consciência e acção sobre a prática como libertação profissional dos professores**. Porto: Porto, 1995.

SANTOS, Robinson. **O professor e a produção do conhecimento numa sociedade em transformação**. Revista espaço Acadêmico – Nº 35- Abril de 2004 – Mensal disponível http://www.espacoacademico.com.br/035/35pc_santos.htm . Acesso em maio de 2006.

SEABRA, Carlos. **Uma educação para uma nova era**. Belo Horizonte: Oficina de livros, 1994.

VALENTINI, Bruna Bianchi. **Individualização e Socialização nas perspectivas da aprendizagem**. Lisboa: Livros horizonte, 1979.

ZINATTO, Vitorina; MONTENEGRO, M. Eleusa. **Orientações metodológicas de uma pesquisa qualitativa**. Brasília: 2004 (artigo digitado).

APÊNDICE



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UniCEUB
FACULDADE DE CIÊNCIA DA EDUCAÇÃO – FACE
COORDENAÇÃO DE PRÁTICA PEDAGÓGICA – ESTÁGIO SUPERVISIONADO
CURSO : FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA AS SÉRIES INICIAIS DO
ENSINO FUNDAMENTAL
ORIENTADORA: Profª. Drª MARIA ELEUSA MONTENEGRO

Nome da Pesquisadora _____

Data : ____/ ____/2006

Questionário sobre o tema -Formação Continuada : uma questão de consciência

Prezado(a) Professor(a),

Esta é uma pesquisa que estou desenvolvendo no curso de formação de Professores para as séries iniciais do Ensino Fundamental, cujo objetivo é verificar o aproveitamento dos cursos de formação continuada na prática pedagógica. Solicito-lhe a gentileza de responder esses questionamentos .

Suas informações serão de grande relevância para a pesquisa.

Obrigada por sua participação .

I . Dados de identificação do professor :

1. Assinale:

Tempo de atuação na Secretaria de Educação

() 1 a 5 anos () 6 a 10 anos () mais de 10

Quantos cursos durante o período de Secretaria de Educação você fez

() 1 a 5 () 6 a 10 () Mais de 10

3. Dos cursos que você participou, em relação à aplicabilidade responda:

* Qual você conseguiu aplicar? Por que ?

* Qual você não aplicou? Por que ?

3. Cite duas aplicações concretas do que você aprendeu nos cursos.

4. Dos cursos que fez qual o de maior relevância para sua prática ? Justifique.

5. Dos cursos que participou qual você indicaria para outros professores?

6. Qual um outro curso você gostaria de participar ?

7. Na sua opinião o que pode ser feito para que os professores apliquem os conhecimentos adquiridos nos cursos ?
